

AS CONSEQUENCIAS DUM CRIME

Já faleceram na Guiné quatro operários deportados!

A BATALHA recebeu ontem a trágica notícia de que além de Manuel Tavares, cujo falecimento já noticiámos, morreram os operários João Nunes Carreira e Manuel Duarte Pereira. Internados em regiões perigosas, aqueles deportados não puderam resistir à inclemência do clima. Os outros deportados encontram-se quasi todos gravemente enfermos, correndo o boato de que Joaquim António Pereira faleceu também.

Tôdas estas tristes notícias foram expedidas de Africa para A BATALHA há bastantes dias, pelo telégrafo. A central telegráfica, porém, evocando o artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica, interceptou-os. Contra esta censura telegráfica, que o tal artigo 7.º não justifica, protestamos enérgicamente.

Em face de todos estes casos lamentáveis perguntamos ao go-
vêrno: que pensa fazer?

MAU CRITÉRIO

Porque o presidente do ministério, há dias entrevistado por uma comissão do Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T., tivesse declarado que iria estudar rapidamente a questão dos deportados e regularizar a situação dos operários presos nas várias esquadras de Lisboa, e ainda porque examinados estes problemas não se pode chegar a outras conclusões senão: o regresso imediato dos deportados à metrópole e a libertação dos detidos sem culpa formada — o Diário de Notícias apressou-se ontem a vir, como se diz em linguagem do povo, deitar água na ferveria.

E fê-lo duma maneira jesuítica, que lhe é peculiar, não se atrevendo a analisar a situação ilegal em que se encontram presos e deportados, mas insinuando que todos eles eram bandidos da pior espécie e que a sua libertação seria perigosa para a vida do sr. Ferreira do Amaral, que tem recebido muitas cartas anónimas, ameaçando-o.

Estamos convencidos de que aquela lamúria não foi encomendada pelo sr. Ferreira do Amaral, que é pessoa valente. Cartas anónimas ameaçando-nos recebemos nós, aqui, muitas e, não sendo valentes, elas não nos atemorizaram ainda.

O que merece interesse, portanto, nessa local do Diário de Notícias é o estreito e reaccionário critério que preside aos seus juízos. Sendo um jornal defensor da ordem e da legalidade, vem pugnando por que se mantenha uma situação de desordem e de ilegalidade.

Os presos encontram-se em circunstâncias ilegais. Depois de estarem incomunicáveis durante cincoenta e oito dias (quando a lei só o permite por 48 horas) continuam detidos sem culpa formada, o que segundo a lei não poderia ir além de oito dias. Quanto aos deportados, que nos aponte o referido jornal a lei, o diploma oficial que sancione as suas deportações, sem julgamento prévio, em condições normais a que têm direito todos os cidadãos.

Haja decôr na maneira de elucidar o público e não crie o Notícias nos seus leitores erroneos critérios porque pode um dia vir a ser vítima da sua obra. O período de perseguição e de censura que a imprensa sofreu, ainda não há muito tempo, constitui um frásante exemplo, pois demonstra quão perigoso é dar força a arbitrariedades, que mais tarde podem transformar-se em armas que nos firam de ricochete em pleno coração.

A repressão francesa

PARIS, 21. — Foram electuadas 22 prisões de indivíduos implicados no atentado contra o presidente e vice-presidente do parlamento búlgaro.

Em consequência do atentado, o governo francês deliberou expulsar os subditos estrangeiros filiados no partido comunista francês.

Aviação trágica

MILÃO, 21. — Em consequência dum violento golpe de vento voltou-se um aeroplano, que caiu no solo, perto de Abbiategrasso.

Os dois aviadores foram encontrados já cadáveres.

O correio de Africa acaba de chegar. Traz notícias tristes, notícias trágicas acerca dos deportados.

Telegramas de Bolama foram expedidos há dias no intuito de nos avisar do que por lá se passa. Mas o telégrafo, evocando o artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica, sustinou-os, conforme um memorandum que o Cabo Submarino enviou ao expedidor, o qual transcrevemos a seguir:

Ex.ªs Srs. — Temos de informar a v.ª que a estação de Lisboa avisa que o telegrama de v.ª do dia 29 de Julho p.ª para «Batalha Calçada Combro 38-A Lisboa» foi recebido, segundo a disposição do artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica. — Sem mais assunto, somos de v.ª etc. — pelo chefe, W. Cob.

Os deportados falecidos vítimas do clima

Esses telegramas limitavam-se a dizer lacónicamente, como a natureza do comunicado exige, que os deportados Manuel Tavares, João Nunes Carreira e Manuel Duarte Pereira haviam falecido na Guiné.

Não compreendemos o motivo porque tal notícia pudesse ser sustada. Apenas vimos nesse arresto de telegramas o propósito governamental de sustar por mais algum tempo uma notícia que mais tarde ou mais cedo viria a saber-se e que confirmaria as terríveis consequências dum crime tremendo que exige imediata reparação.

Ontem a correspondência daquela colónia tudo esclareceu, tomando nos conhecimentos, doloroso conhecimento de que além de Manuel Tavares, barbeiro, cuja morte noticiámos há dias, faleceram também mais dois deportados: João Nunes Carreira, descarregador e Manuel Duarte Pereira, manipulador de pó.

O clima, o terrível clima de Canhabaque (interior da Guiné) para onde bárbaramente os enviaram, é que os matou — mas foi o governo de Vitorino Guimarães quem os condenou à morte, sem forma de processo, sem julgamento!

Razão tínhamos nós, quando por ocasião das deportações protestávamos contra essa infâmia, pois o que se estava fazendo, constituía o pior dos crimes, era condenar à morte indivíduos cujas responsabilidades os tribunais regulares não haviam apurado.

Esta dolorosa notícia deve ter já produzido em alguns lares dramáticos efeitos. Esposas, mães e pobres crianças que ainda há dois dias foram tranquilizadas pelo presidente de ministério sobre a sorte de seus parentes queridos acabam de saber que eles tombaram para sempre, sem saberem porque — só porque uma polícia mais poderosa do que o poder judicial os meteu a bordo, sob a sanção dum ministro do Interior, Vitorino Godinho, cujo nome não

esquece, e os enviou brutalmente para a morte.

Más notícias — Maus presagios — Deportados doentes

Mais notícias tristes da Guiné. A data da saída das cartas de Africa para Lisboa corria com insistência o boato de que Joaquim António Pereira, que estava gravemente enfermo, tinha falecido também, e que quasi todos os deportados naquela colónia estavam gravemente doentes, recedendo-se a cada momento um desenlace fatal.

Que vai fazer o governo em face disto?

Perante este estado de coisas ocorre-nos perguntar agora ao actual governo que pensa fazer. Permitta que se prolongue por mais tempo uma situação anormal e ilegal que tão mais resultados já trouxe? Espera-se que todos os deportados morram, para depois mandar julgar os seus cadáveres?

Não sentirá remorsos por a exagerada demora em reparar um erro grave implicar a morte de mais deportados, possivelmente inocentes?

O momento não está para demoras. O governo tem de agir.

Foram deportadas dezenas de criaturas sem previo julgamento!

Urge que essa injustiça seja imediatamente reparada. Urge que os deportados regressem desde já a Lisboa e aqui sejam julgados em condições normais — visto que a lei, numa democracia, é igual para todos.

O "Mato da Morte"!

O mato de Canhabaque, onde muitos deportados se encontram, é conhecido por eles pela expressão eloquente de *Mato da Morte*. Ali faleceram os operários cujos nomes já mencionámos. Ali se encontram gravemente enfermos Alvaro Damas, José Castela, José Alves dos Santos, Raúl Honório e Pedro Guia de Oliveira. Também de entrada no hospital, com um príncipio de perniciosia, Mário Gonçalves.

O governo deve mandar retirar imediatamente daquele local os deportados que ali se encontram. A sua permanência ali é um crime. E como nenhum tribunal os condena, ficam as famílias dos deportados com o direito de exigir do governo todas as responsabilidades do que succedeu e do que pior, possivelmente, venha a acontecer.

Em Cabo Verde há deportados doentes!

De Cabo Verde também as notícias não são animadoras, embora não assumam o

aspecto assustador dos da Guiné. Fomos informados de que alguns deportados naquela colónia se encontram atacados de febres, entre eles Daniel Severino.

As famílias dos deportados que recebem ontem estas tristes notícias estiveram em grande número na nossa redacção, sendo congregator o estado alitivo em que se encontravam. Regraveram reunir na segunda feira, pelas 12 horas, na calçada do Combro, para daqui seguirem para a presidência do ministério a fim de reclamarem o immediato regresso dos seus parentes, o que é de toda a justiça.

Uma carta de Bernardino dos Santos

Com pedido de publicação recebemos de Bernardino dos Santos, que se encontra em Cabo Verde, a carta que a seguir publicamos:

«Sr. Redactor de «A Batalha»: Permitta-me v.ª que por intermédio do seu mui conceituado jornal lance a público o meu mais veemente protesto, contra a forma arbitrária e ilegal como a policia procedeu para comigo, retirando-me do convívio dos meus, para me mandar para as plagas africanas, como se, de facto, algum delicto tivesse cometido e fosse condenado pela Sociedade. Não é assim que dentro do regime actual, para o qual dei a minha cota parte, não como mercenário mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarradas por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que a policia, com uma função essencialissima, que não aquela que actualmente está usando, pode e deve formar cidadãos, porquanto, só ódios e malquerenças tem criado, ninguém regenerando, mas sim gerando revoltados, pelo procedimento incorrecto e mau com que procede.

Fatalmente, desde que qualquer criatura caia no desagrado das autoridades, seja qual for o delicto cometido, já mais levanta cabeça ou gosa da tranquillidade e liberdade a que tem direito, só porque a policia e seus mandatários lhes dá na gana, tantas vezes para servir fins escuros e inconfessáveis interesses.

Foi assim que comigo se procedeu, agora e sempre. Apenas por me permitir usar da liberdade de pensamento conferida por todas as constituições, era detido e aterrorizado nos calabouços ainda os mais imundos até que aos mesmos lhes convinha, era posto em liberdade, provisória já se sabe, pois que a breve trecho a casa era assaltada e ainda que doente era arrastado, sem saber porque, para longínquas paragens.

Uma vez, por delicto previsto nos códigos, fui enviado a tribunal onde prestei contas a 8-12-916, sendo absolvido. Se até a algumas vezes era incomodado, de então para cá tem sido terrível. Porque?

Não sei dizer. O que sei é que já mais me

enviaram a tribunal. Contudo, não deixo de ser um cadastrado terrível e perigoso, no dizer da policia de tal forma que, a pesar de há 3 anos a esta parte não ser preso, e de há 6 não fazer parte da organização operária, ainda que, em parte, esteja com as suas reivindicações — sou enviado para a Africa, só porque ao digno sr. chefe da policia, Xavier, lhe apeteceu, contrastando com outros em igualdade de circunstâncias, que mandou pôr em liberdade no mesmo dia que eu era detido.

Ora se, de facto, de algum delicto era acusado, porque não fui interrogado ou submetido a um tribunal?

Porque a policia e seus mandatários conviria fazer vítimas e não evitá-las?

Tudo escuro, tudo misterioso, pois que, havendo já alguém, como seja sua ex.ª o sr. delegado do governo junto da Assistência Publica de Lisboa, os meus colegas e Sindicato Nacional dos Empregados do Estado, que junto de s. ex.ª presidente do ministério, ministro do interior e governador civil, trataram da minha situação, até hoje qual quer solução não foi dada, e isto talvez por sugestão ou má informação do mesmo chefe, quando é certo que ele próprio pode testemunhar, que durante as noites me encontrava sempre nos cafés «Brasileira» e «Nacional» com alguns amigos meus, apesar de saber que eu não tenho responsabilidade de espécie alguma, mandou o guarda auxiliar n.º 1838 e outro, o qual sem respeito pela repartição publica onde me encontrava trabalhando, procedeu sem lisa e com autoridade demasiada, para o lugar em que se encontrava, como se provará, a seu tempo.

Eu creio ainda, que s. ex.ª, os srs. presidente, ministro e governador civil, procederão em conformidade, fazendo justiça a quem de direito, não se subordinando aos caprichos de quem tem a responsabilidade da minha vida e estado aqui. Se porventura tenho responsabilidades, indiquem-mas, que as não contestarei, porém, como absolutamente as não tenho, não deixarei de protestar com toda a força da minha alma, contra esta baixa e infame deportação, que, aparte o prejuizo material, pois só vim com a roupa do corpo, estou sofrendo, moral e fisicamente, por estar numa situação que não criei nem para ela contribui; por isso reclamo das entidades respectivas, o pronto regresso para junto dos meus; justiça que nem sequer agradeço, porque a ela tenho absoluto direito.

Muito grato fico, sr. redactor pela inserção destas linhas no seu mui lido jornal. — Bernardino dos Santos, fiscal do sêto da Assistência, preso social deportado. Quartel da Praia. — Cabo Verde, 29 de Julho de 1925.

Em parte a argumentação que Bernardino dos Santos emprega na sua carta applica-se a todos os deportados, cujas situações são idênticas: foram todos bárbaramente condenados, sem serem julgados.

Vejam, pois, em que fica o governo.

'Bonzos' e 'canhotos' vieram-se às mãos

no Centro Almirante Reis

A luta entre bonzos e canhotos é uma guerra de extermínio — guerra em que a primeira vitória pertenceu ao directorio do sr. António Maria da Silva. Não foi, porém, essa falsa vitória de molde a ser decisiva pelo que a luta continua mais acêsa e mais encarnizada.

Ontem realizava-se no Centro Almirante Reis uma assembleia geral para decidir acerca da irradiação dos srs. dr. José Domingues dos Santos, Cortez dos Santos e Tavares de Carvalho que já tinha sido decidida pelos corpos directivos.

O ambiente estava carregado e viam-se em vários pontos da sala indivíduos com ares ameaçadores. O Rebate compareceu em massa a administração e estava toda a redacção, incluindo o sr. José do Vale.

Começou a falar o sr. Manuel Joaquim dos Santos que defendeu os actos da direcção, manifestando-se favorável ás irradiações.

Porém, quando o orador estava defendendo como podia o seu ponto de vista, entra na sala o sr. Tavares de Carvalho. A assembleia ergueu-se quasi toda a ovacioná-lo, dando muitos vivas ao deputado irradiado.

Os bonzos sentindo-se em minoria começaram fazendo grande ruído, invectivando os adversários. O sr. Valente, do Rebate agrediu inesperadamente o sr. Arnaldo Pimentel que riposta, sendo porém alvo de agressões de outros bonzos, um dos quais disparou dois tiros, um sobre ele atingindo-o de raspão e outro contra o sr. João Pedro dos Santos. Os canhotos envolveram-se em luta com os bonzos, e a assembleia degenerou numa larga série de conflitos pessoais. Quebraram-se algumas cadeiras e a reatuação é encerrada no meio de grande tumulto.

Na sala encontravam-se muitos agentes, sendo um deles o policia Silva da esquadra da Mouraria quem disparou os tiros, o que não admira dado o desprezo que na corporação a que ele pertence existe pela vida humana. Esta atitude do policia é mais uma prova de que a desordem assume sempre características mais graves quando intervém nela um membro dessa corporação que regressou aos odiosos tempos do sidonismo.

O sr. Arnaldo Pimentel recebeu curativo dos ferimentos que recebeu no posto da Misericórdia, tendo depois recolhido a casa.

Congresso Confederal

O Comité Confederal voltou a reunir ontem, ocupando-se já dos trabalhos do Congresso. Como os sindicatos de Trabalhadores Rurais de Cabeção e Cabeço de Vide promovam sessões amanhã, o Comité Confederal resolveu que os delegados que vão assistir áquelas sessões, aproveitem esta missão áquelas localidades para proseguirem na propaganda do Congresso nos sindicatos das localidades que estão abrangidas naquelas zonas.

Assim o delegado que vai a Cabeção realizará mais estas sessões: dia 24, em Pavia; dia 25, em Estremoz; dia 26, em Borba; dia 27, em Vila Viçosa; dia 28, em Juramenha; dia 29, em S. Romão; dia 30, em Vila Boim; dia 31, em Terrugem; dia 1, em Elvas; dia 2, em Portalegre; dia 3 em Ponte de Sôr.

O delegado que vai a Cabeço de Vide, realizará mais estas sessões: dia 24, Aldeia do Chão; dia 25, Seda; dia 26, em Benavilla; dia 27, em Aviz; dia 28, em Fronteira; dia 29, em Ervedad; dia 30, em Cano e dia 31 em Souzel.

O Comité Confederal aproveita este meio para convidar os sindicatos destas localidades a promover assembleias para os dias acima indicados.

Depois da reunião do Conselho Confederal, que se realiza na próxima segunda feira, sairão delegados para as restantes localidades.

Os sindicatos que ainda não nomearam delegados, assim como aqueles que ainda não resolveram sobre a adesão ao Congresso, deverão apressar-se em fazê-lo e enviarem a respectiva comunicação, a fim de o Comité poder orientar os seus trabalhos com tempo e de forma a não prejudicar a realização do Congresso na data que está annunciada.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A falência Stinnes

BERLIM, 21. — Os credores da sociedade de Stinnes pediram ao tribunal competente para colocar a empresa sobre a jurisdição judicial.

Desfazendo uma atoarda

Veiu há tempos no Século uma notícia acusando Manuel Ramos de ter ludibriado um preso da cadeia de Santa Cruz na importância de 22 contos e uma declaração do dr. sr. Mário Monteiro acusando aquele de ter recebido indevidamente a quantia acima referida.

O irmão de Manuel Ramos veio mostrar-nos duas cartas que recebeu do preso de Santa Cruz, que se chama António Carreira e pelas quais se declara:

1.ª — Que António Carreira não desmentia a acusação que impedia sobre Manuel Ramos porque tendo recolhido ao hospital em Maio ultimo só de lá voltou há alguns dias.

2.ª — Que considera Manuel Ramos incapaz do acto de que o acusaram ou de qual quer outro semelhante.

3.ª — Mário Monteiro recebeu 12 contos do preso, 3 que pessoalmente cobrou-lhe e 9 que lhe foram entregues por seu cunhado João. A tal verba de 22 contos não existe, sendo uma torpe fantasia do sr. Mário Monteiro.

Isto basta — parece-nos — para deitar abaixo a novela feita pelo dr. sr. Monteiro que a si mesmo se atribuiu a qualidade de vítima, quando a sua atitude só era digna de repulsa por ter atacado um homem que estava preso e prestes a partir para a costa de Africa.

Uma adesão à C. G. T.

O Sindicato dos Vidreiros do Porto

Em assembleia geral, reuniu o Sindicato Profissional da Indústria Vidreira, do Porto. Entre outros assuntos de carácter profissional, tratou-se também da adesão à Confederação Geral do Trabalho e U. S. O. Como para esta importante assembleia fosse convidada a Delegação Confederal do Norte, o seu secretário geral fez uma larga exploração desde a época feudalista até aos nossos tempos, aludindo, a seguir, ao aparecimento da organização operária, à sua evolução, princípios, meios e fins e, portanto, ao seu valor presente e futuro. A sua interessante palestra terminou por salientar o valor da solidariedade e as vantagens dos congressos corporativos e nacionais.

Por último, foi aprovada, por unanimidade, a seguinte moção:

Os operários vidreiros do Porto, reunidos reconhecendo a necessidade de irmanar os seus esforços aos dos restantes trabalhadores do país, resolvem:

1.ª — Aderir à C. G. T. e U. S. O.

2.ª — Dar immediatamente a sua adesão ao IV Congresso Confederal.

3.ª — Saudar o proletariado nacional por intermédio da C. G. T. e por intermédio da mesma a Associação Internacional dos Trabalhadores. — António Luís.

Vai fundar-se o Estado da Palestina?

VIENA, 21. — O Congresso sionista aprovou uma moção pedindo à Sociedade das Nações 10 milhões de dólares para a reconstrução do Estado da Palestina.

A Saint Barthelémy em França

Sessão comemorativa do horrível massacre

Na sede da Associação do Registo Civil realiza-se na próxima segunda-feira, pelas 21,30, uma sessão comemorando o horrível acontecimento que se desenrolou em França na noite de 24 de Agosto de 1972 por instigação de Catarina de Medicis e dos Guises contra os protestantes.

A direcção daquela colectividade convidou os dres. Agostinho Fortes, Albino Vieira da Rocha e António Ferrão para dissertarem sobre o terrível massacre, sendo convidado a presidir o sr. dr. Magalhães Lima.

Foi assassinado um ministro do governo revolucionário de Cantão

PEQUIM, 21. — Comunicam de Cantão ter sido assassinado Liao-Chung-Hoi, ministro da instrução e um dos mais eminentes membros do grupo revolucionário que se apoderou do governo daquela cidade.

Liao-Chung-Hoi era um dos agentes de Moscovia encarregados de fomentar os distúrbios nos centros comerciais estrangeiros.

Declararam-se em greve os marítimos da Austrália

SINDNEY, 21. — Os marítimos reunidos em assembleia geral deliberaram declarar-se em greve, como protesto contra a redução de salários.

O movimento grevista nos restantes portos australianos deve começar amanhã.

O QUE VAI PELA INGLATERRA

Os fascistas e comunistas estão prestes a medirem as forças

LONDRES, 18.—As eleições parlamentares ofereceram-nos a ocasião de falarmos sobre dois movimentos que estão, a este ponto, à parte da política actual inglesa: o comunismo e o fascismo.

O comunismo nunca conseguiu criar raízes em Inglaterra: o temperamento inglês não é revolucionário, e o inglês típico é refractário em prestar atenção às ideias abstratas.

E' verdade, que há quem diga que uma revolução é muito possível; mas a causa da luta, está já bem definida e é material—a questão dos salários e das horas de trabalho.

Se, partindo deste ponto de vista, a batalha tivesse tomado grandes proporções, teríamos visto os espiritos inflamarem-se pelas novas doutrinas, por um grande sentimento de idealismo e os interesses individuais apenas figurariam em segundo plano.

Mas, na origem pelo menos, para excitar o público britânico, é necessário algo de mais sólido que o sonho de uma perfeição moral: «Nós somos práticos» dizem eles com altivez.

Em segundo lugar, o operário inglês, o contrário do operário russo, beneficia duma instrução primária suficiente e toda a população está repartida por um grande número de associações de toda a espécie, sindicais, industriais, etc.

Tudo este sistema constitui um obstáculo aos movimentos revolucionários. Qualquer boa vontade neste sentido, encontraria uma infinidade de escolhos e desapareceria antes de ter chegado ao seu fim.

A propaganda comunista lutando contra todas estas dificuldades, nunca foi capaz de encontrar a força necessária para vencer a inércia da população.

O descontentamento operário

Dito isto, o descontentamento do operário inglês não é fictício, e de ano para ano aumenta sem cessar; o seu dolo, a sua impaciência, a sua revolta, são dirigidos mais contra os proprietários e o capitalismo, do que contra os homens políticos, e somente repercussão consegue atingir o partido conservador, onde enfleiam a maior parte das críticas que o povo inglês aprendeu a odiar como sendo as imagens vivas da tirania que o esmagava.

Para chegarmos às particularidades, diremos que os comunistas, relativamente, são pouco numerosos, mas em compensação fazem uma algazarra em desproporção com a sua força. Com grande custo conseguiram eleger dois representantes na Câmara dos Comuns, Newbold que em tempos representou uma circunscrição da Escócia e Saklatvala, que representa uma circunscrição de Londres.

Newbold não pôde conservar o seu mandato e chegou mesmo a renunciar ao comunismo. Saklatvala, tipo astucioso e um tanto misterioso, é, pelo menos, suspeito: está em relações com um dos mais ricos industriais da Índia e enviou — segundo dizem — o seu filho à escola de Harrow — uma dessas escolas de elite que os ingleses se gabam de possuir, mas onde ninguém enviaria um rapaz com a intenção de que ele recebesse uma boa educação.

O comunismo é, portanto, uma partida perdida para os ingleses.

No entanto, a última ameaça dos grandes proprietários de carvão, teve o efeito de abalar a consciência dos operários, e em certos distritos, como no País de Gales e na Escócia, a exaltação dos espíritos é enorme.

Dois facções fascistas

Por outro lado, nós vemos elevar-se na nossa frente a figura do fascismo. Fundado por uma mulher (a inglesa é capaz de tudo) o fascismo, imitação patente dum mau modelo, tinha, no começo, um aspecto um pouco ridículo. Ainda não perdeu esse aspecto, embora se tenha tornado um pouco mais sério.

O fascismo «desenvolveu-se» a tal ponto que até teve o luxo de se dividir em duas partes.

Os «fascistas britânicos», são os «Bourbons» da Inglaterra. Velhos coroneis de miolera empedernida, sustentáculos das classes privilegiadas, amadores de cerimónias de grande pompa e de mascaradas rituais, esta gente sem inteligência representam, no entanto, uma acção formidável da sociedade inglesa.

Os «fascistas nacionais» são jovens impacientes das maneiras académicas dos outros, dos românticos; são compostos dum pequeno estado maior subvencionado pelos aristocratas, cujo tipo é o duque de Northumberland, e duma tropa, fandangue recrutada entre jovens operários atraídos com a promessa de riquezas e de emblemas.

O choque entre o «trade unionismo avançado» e o fascismo é inevitável. Já se produziram alguns incidentes, mais picarescos do que importantes, mas tudo isto é apenas um começo. (E.)

O PASSEIO A SINTRA

promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil

E' amanhã que se realiza o excelente passeio à agradável vila de Sintra promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil.

A partida efectua-se da estação do Rossio, às 5,50 e o regresso faz-se às 19,30. A excursão é acompanhada pela banda da Filarmónica Verdi e pelo grupo musical «O Cravo» que durante o trajeto e no Campo dos Seteais onde se realiza o pic-nic executarão alguns trechos do seu repertório.

Os bilhetes que restam encontram-se à venda na administração da Batalha, das 11 às 23 horas de hoje. Os que possuem bilhetes para o passeio devem vir hoje à administração deste jornal ou à sede do Sindicato da Construção Civil trocá-los pelos de Caminho de Ferro, durante as horas que acima indicamos.

Os que adquiriram bilhetes na Academia Verdi devem trocá-los pelos de embarque na sede desta colectividade, das 20 às 22 horas. O produto desta excursão reverte, como dissemos, a favor das Escolas da Construção Civil.

DESPEDIDA

Manuel Peres, o incansável militante da organização sindicalista de Espanha, a quem a reacção daquele país forçou a exilar-se, saiu há pouco de Portugal, incumbido-nos de transmitir aos seus amigos e camaradas os seus agradecimentos pela leal solidariedade prestada e um abraço de despedida.

Como se tratam presos

Na Penitenciária as refeições são repugnantes e perigosas para a saúde

E' intolerável a forma porque neste país são tratados os presos.

Não basta já que os privem da liberdade, muitas vezes sem motivo, que os encarcerem em calabouços e cadeias, onde a higiene é coisa desconhecida; os polícias e carcereiros, achando que isso é pouco, tomam a seu cargo tornar maior a tortura dos que têm a infelicidade de lhes cair nas garras.

Temos vindo relatando uma série inúmera de casos em que esses cavalheiros exorbitam das suas funções. De novo hoje, temos a referir casos dessa natureza. Da Penitenciária escreve-nos Abílio Jaime Barreiro, queixando-se contra a má qualidade da alimentação que ali é fornecida, especialmente a refeição da tarde, que tem um cheiro repugnante.

Devido a isso encontra-se há quatro dias bastante mal do estômago e intestinos, pelo que o enfermeiro lhe deu um purgante.

Ontem foi ao médico, e este, sem lhe prestar atenção disse que era de comer pepino e pimentos, coisa que este não ainda ali não foi fornecida aos presos e recebeu-lhe outro purgante.

Quanto à alimentação, ninguém ali se incomoda, se algum preso adoecer, atribuem isso sempre a outras causas, nunca à péssima alimentação.

A ferocidade de dois agentes—Um preso espancado várias vezes nos calabouços das esquadras

Também do calabouço n.º 5 do governo civil nos escreve António Alfredo dos Santos, preso em 12 de Julho e acusado de um furto.

Interrogado a 15 desse mês, no governo civil, como não confessasse o crime que lhe imputavam agrediram-no, e como ele gritasse, enviaram-no para a esquadra dos Anjos, onde o foram buscar à uma hora da manhã, conduzindo-o depois para a do Lumiar, onde os agentes Armelino e Serra e mais um outro, o espancaram ali, durante cerca de hora e meia, a sôco e com um «casco-tête».

No dia seguinte voltaram lá para o sovar, e em tal estado o deixaram, que o chefe da esquadra, chamando-os, lhes disse que o não queria ali mais, pelo que transitou no dia seguinte para a esquadra do Campo Grande.

Enviaram-no depois ao tribunal dos pequenos delitos, que o condenou a 500\$00 de multa ou 100 dias de prisão. Não podendo pagar aquela quantia recolheu ao Forte de Monsanto.

Dias depois foram-no ali buscar e levaram-no para a esquadra do Campo Grande, onde pelos agentes Armelino e Serra lhe foi aplicada nova sôva. Como o chefe da esquadra se opuzesse também à sua permanência ali, levaram-no para o governo civil, onde se encontra no calabouço n.º 5.

Tudo isto a-pesar do inquérito à polícia nada ter apurado sobre espancamentos a presos.

Dois meses incomunicável

Na esquadra dos Terramonts encontra-se incomunicável, há 66 dias, Manuel Pereira. Porquê?

Talvez nem a polícia o saiba. No entanto não hesita em saltar por cima de todas as leis e dos mais rudimentares princípios de humanidade, mantendo-o sob aquele bárbaro regime.

Quando acabará esta odisséia dos que, por qualquer motivo, por simples suspeita, por capricho da polícia, são arremessados para os imundos calabouços das esquadras?

Quando deixará qualquer «cidadão livre» de estar sujeito a, quando preso, com motivo ou sem ele, ser isolado da vida exterior durante longas semanas e a sofrer mais tratamentos brutos que a polícia tem ao seu serviço?

—Procurou-nos o pai-de-Hilário Gonçalves, para nos informar não ter fundamento a acusação, de que o Diário de Notícias de ontem se faz eco, de ele ter tomado parte no atentado ao comandante da polícia, pois tendo já sido preso sob essa acusação fora posto em liberdade por falta de provas. Quanto às outras acusações, diferem dos que de princípio lhe faziam, o que esclarece suficientemente a sua veracidade.

Há 90 dias sem culpa formada—Um passeio nocturno

No calabouço n.º 6 do governo civil encontra-se José Maria da Cruz, descarregado, que há noventa dias foi preso sob a acusação de ter tomado parte no atentado ao comandante da polícia.

Foi interrogado apenas uma vez pelo «xefe» Xavier, e a-pesar-de poder provar com testemunhas que na ocasião do atentado estava em local diverso, enviaram-no para a esquadra da Ajuda onde esteve incomunicável 7 dias.

Também este preso foi passeado uma noite pela cidade, de «side-car», tendo-o o agente que o acompanhava e o «chauffeur» amarrado de lhe tirarem a vida na primeira travessa escura, conduzindo-o pela rua Maria Pia, até à esquadra dos Terramonts, onde dois agentes afirmaram ser ele um dos autores do atentado (a-pesar-de terem sido presos mais de cem «autores» do mesmo).

Levaram-no então para uma travessa escura, e enquanto o agente lhe apontava a pistola o «chauffeur» agredia-o com socos no nariz, ordenando depois o agente a este que se quisesse, ordem que ele cumpriria de mau humor, levando-o para o governo civil.

Este preso está gravemente doente, tendo o médico do governo civil aconselhado a sua hospitalização, mas a polícia a nada se move.

Uma acusação estúpida

Na segunda-feira quando saía do seu sindicato o operário manipulador de pão José Marques Teixeira foi preso por um agente da «brigada especial» que o conduziu à esquadra da Boa-Vista, e desta para a da Pampulha.

Transportado agora ao governo civil e interrogado por um agente da P. S. E., soube que era suspeito de bombista e «elegionário» e de assistir, no dia em que foi preso, a uma reunião no seu sindicato onde se planeou atentar contra a vida do comandante da polícia, (é demais tantos atentados para um homem só) e de ter recebido a quantia 6.000\$00 para esse atentado.

De facto assistiu a uma reunião no seu sindicato, a que a polícia assistiu também, mas onde se tratou apenas da baixa de salários. Quanto a ter recebido 6.000\$00, tendo sido preso à saída do sindicato, foi-lhe encontrada a quantia de 45\$00.

Mas como é necessário manter a «brigada especial», o agente que o prendeu, conhecido pelo «sobriquet» de «Mucha Gata», promete prendê-lo à saída do governo civil, se ele for posto em liberdade.

CARTA DO PORTO

Ainda a recepção da Real Companhia aos congressistas que quiseram visitá-la

A carta publicada, terça-feira última, acerca da recepção que o sr. Manuel Pestana da Silva fez aos congressistas da indústria vinícola, que tiveram a «infeliz» ideia de querer visitar a Real Companhia do lugar dos Coutos—causou maiores estragos no íntimo moral daquele «companheiro» de Jesus, do que dois caixotes de champagne que explodissem nos armazéns da «real» casa de exploração vinícola.

Não voltariamos a este assunto, deixando o sr. Pestana entregue ao seu malcriado «mea-culpa», se não soubéssemos agora que ele fôra, afinal, um títiro na mão daquele famigerado Pinto Moreira a quem aludimos a quando do conflito da «histórica» Real Companhia.

Pestana da Silva, o presidente da direcção da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, não consentiu a visita dos congressistas, porque o Pinto Moreira, contra o qual o pessoal da Companhia se levantara, o coagiu a desempenhar aquele papel indecente, inepto, epilético...

Explica-se, até certo ponto, o seu estado de nervosismo, de neuraénia, de desengano moral... e físico: é que ele, estando muito sossegado, fôra forçado, pelo Pinto Moreira, a meter-se, juntamente com as filhas, num automóvel, a-fim-de interceptar a passagem aos ditos congressistas...

Nem Manuel Pestana da Silva, nem Pinto de Sousa, nem acionistas, manda mais do que o «escorraçado»-doutas empresas—Pinto Moreira. Ele é o principal cêno da Companhia. Todos os outros são satélites, de pequena grandeza, que giram à volta do detestado Moreira.

Ao que chegou o sr. Pestana da Silva. Se não tivesse descido à categoria de obediente cego do Pinto Moreira, não viria dizer aos congressistas que a sua proibição brusca obedecia ao simples facto de que queria manter a disciplina livre de maus precedentes, pois a Companhia não admitia visitas nem aos negociantes de vinhos ou outras quaisquer pessoas. Para evitar abusos, procedia daquela maneira.

Como aquilo, porém, fôra um recado ensinado pelo tal Pinto Moreira, passados dois dias esquecem-se dos maus precedentes, da disciplina, dos bons «hábitos» da Companhia, e permitem a visita a outras pessoas mais catitas e «estrangeiradas»...

E sabem os leitores de A Batalha porque é que isso succedeu? Porque entre aqueles cavalheiros chics, tão amavelmente recebidos, figuravam umas cavalheiras dengosas, estonteantemente perfumadas, provocantemente, lascivamente decotadas, isto é: pouco menos do que nuas—que até causou espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insone geral dos jesuitas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina...

Pudera! Se em vez de congressistas vinícolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaria o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura—nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Para finalizar: Um anúncio que a Companhia publicou nos jornais entre outros assuntos de ordem monetária, tecia um elogio ao Francisco Pinto Moreira, dizendo ao público que ele continua, como antes do conflito, à testa dos serviços...

Mentiu! Ele está ao serviço mas é na direcção, nos escritórios, que são muito diferentes das régulas que exercia nos armazéns da Companhia e que deram motivo ao respectivo pessoal se revoltar...

Para que conste... C. V. S.

Agressão misteriosa

No Tejo, por volta das 13 horas de ontem, andava em manobras em frente do posto de Desinfectação o vapor alemão «Arta» a cujo bordo seguia, como passageiro de Constantinopla para Hamburgo, o médico alemão dr. Robert Sarr, de 42 anos, o qual se queixou ao comandante de que subitamente se sentira ali ferido com um tiro no ventre, ignorando de onde ele partia. Transportado para terra e requisitado um autocarro à Cruz Vermelha foi o ferido nele conduzido ao Hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos Drs. Manuel de Vasconcelos, Serrão Franco e Praga, recolhendo em seguida em estado grave à sala de observações.

Atropelamentos

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo, recolhendo a casa, Joaquim Napoleão de Bassos, de 29 anos, natural de Valença, barbeiro, rua da Costa, 14, 4.º, que foi atropelado por um automóvel em Alcântara, ficando ferido nos joelhos e contuso pelo corpo.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi travado e seguiu depois para casa, Jilão Travassos Gomes, de 34 anos, trabalhador, residente na calçada da Tapada N. L. M., e que no largo de Alcântara foi atropelado por uma bicicleta, ficando ferido na cabeça e contuso nas costas.

EDEN TEATRO

Telef. N. 3800

HOJE

ARTE—BOM GOSTO

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

Deslumbramento—Brasileiridade

Estão suspensas as entradas de favor

O ASILO MARIA PIA anda à matroca!

O Asilo Maria Pia anda positivamente à matroca. O sr. Júlio Cruz, seu director interno, anda ao que parece muito afastado do que por lá se passa, a não ser que feche os olhos para evitar maçadas...

Os alunos andam descalços e mal alimentados. O seu estado de aseo pode avaliar-se por este pormenor: e chegam a andar um mês sem mudar de roupa. E' frequente aperceberem alunos na cozinha a pedir os serventúrios que lhes dêem alguma coisa de comer, o que prova a fome que eles passam.

Há dias o guarda Mário acompanhado doutros indivíduos arrastaram a porta do quarto dum seu colega para lhe surripiar qualquer objecto que ele tinha. O caso foi presenciado pelos alunos que se insubordinaram, protestando ruidosamente contra este indigno procedimento.

A desordem no Asilo é tal que os guardas chegam a pegar em bancos para atrair os alunos.

Têm sido mandados alunos para a rua com 18 anos de idade que não têm emprego sem que a Assistência dê um único passo para conseguir a sua colocação.

O 3.º escriptorio do Depósito Central da Assistência de Lisboa declarou a um aluno que se queixava dum guarda que este o poderia agredir sempre que quizesse.

Também se salienta na desordem em que se encontra o Asilo o escriptorio interno Afonso Lemos Nápoles.

AGREMIÇÕES VARIAS

Grémio dos Acores—Foi já constituída a comissão organizadora que reunirá no dia 26 do corrente para eleger duas outras comissões.

Grupo E. Instrução Nova—E' amanhã que este Grupo realiza a sua excursão à agradável quinta de S. António em Caselas, sendo a partida de Xabregas às 6,30 horas. O cortejo no qual se incorporam os alunos da escola regressa de Belém às 20 horas.

Na quinta estão preparados divertimentos. A tuna que os amigos desta Escola organizaram abrilhanta todos os números do programa.

O troço de Caminho de Ferro Extremoz-Souzel inaugura-se amanhã

Inaugura-se amanhã o troço de Caminho de Ferro Extremoz-Souzel na linha de Extremoz a Castelo de Vide.

O comboio inaugural chegará a Souzel às 15,45. Na cerimónia da inauguração tomarão parte as entidades oficiais, funcionárias superiores de caminhos de ferro e a imprensa.

Coliseu dos Recreios

PENULTIMA SESSÃO DE LUTA

Grande e sensacional combate

Ochôa—Kawamulja

em «ju-jutsu»

Kornatz—Gonçalves

Saint Mars—Rato

em greco-romana

Hoje, penúltimo dia de lutas no Coliseu dos Recreios, realizam-se três interessantes combates, um dos quais deve ser emocionantíssimo pela categoria dos contendores.

Ochôa, o valente «leão de Navarra», luta em «ju-jutsu» contra o célebre japonês Kawamulja, o mais terrível adversário que tem pôssido ao tapete do Coliseu. E' uma luta colossal, titânica. Em greco-romana lutam o hercúleo alemão Kornatz contra o campeão português Manuel Gonçalves e o agressivo e violento belga Saint Mars contra o musculoso espanhol Rato.

As lutas de amanhã, que são as últimas, são dedicadas à colónia espanhola em Lisboa.

Sociedades de recreio

Sociedade Filarmónica «Alunos de Apolo».—Continuam as festas do aniversário. Hoje, representa-se o drama, em 3 actos, «Cardos da Vida», segundo-se baile. Amanhã, às 17 horas, quermesse e concerto pela banda da S. F. «Esperança e Harmonia», e, às 21 horas, baile dedicado à Academia Filarmónica Verdi.

Grupo Dramático «Os Combatentes».—Realiza amanhã um «pic-nic» à Parde, havendo diferentes jogos desportivos, bailes e descantes, acompanhando esta excursão um grupo musical.

A partida da sede é às 7 horas e o regresso às 19.

Academia Recreativa Nacional.—Hoje, às 21 horas, baile com surpresas. Amanhã, às 15 horas, sairá a francesa, e às 21, baile.

A Carta

Cine-concórdia em sete partes interpretada pelo finíssimo actor LEWIS STONE

exibe-se durante esta semana no

TIVOLI

TEL. N. 341

ÀS 8 3/4

bem como

Filho de Rei

Fantasia medieval em cinco partes

E uma cine farça

Uma revista de actualidades

Amanhã—MATINÉE às 3 horas

Atenção

Grande redução de preços em todos os artigos para a esquerda.

Dirigir pedidos a Francisco Lata, largo do Conde Barão, 55.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

A 'Batalha' na provincia e arredores

Sintra

Os guardas republicanos que violentaram e roubaram uma mulher continuam impunes!

SINTRA, 21.—Referimos oportunamente a bárbara façanha cometida por dois guardas republicanos desta vila que quando andavam fazendo uma ronda violentaram uma rapariga e roubaram-lhe os brinços.

Os guardas republicanos andaram procurando quem tinha sido o informador de A Batalha e acabaram por presumir que o tinham encontrado na pessoa dum operário ferroviário.

E com aquela lógica que caracteriza os indivíduos da sua força embriaram que era ele, por informações que temos como certas, pretendendo que ele publicasse um desmentido na Batalha. E tentaram no por todos os meios desde a intimidação ao suborno, chegando a prometer 100 e 200 escudos. Isto só prova que as nossas informações foram verdadeiras.

Os mesmos guardas republicanos disseram que A Batalha é um jornal sem importância, e que ele ia ser processado por ter dito a verdade.

Sabemos também que o capitão Pimentel da guarda republicana anda empenhado em abafar o caso, a fim dos autores da repulente proeza ficarem gosando de impunidade. E de facto assim tem acontecido.

Até agora os dois selvagens ainda não foram incomodados. E provavelmente nunca o serão...

Temos, portanto, a considerar que a guarda republicana aqui em Sintra tem o direito de violentar e roubar mulheres quando anda em serviço.

Chegou-se a este desaiado.

Barcarena

A festa dos bombeiros

BARCARENA, 20.—Realizou-se aqui, com brilho, uma festa, promovida pela Associação dos Bombeiros, a favor do seu socorro.

Contribuíram bastante para o bom êxito dela um punhado de raparigas que afanosamente trabalharam, contrariando a opinião de certos cavalheiros, segundo os quais a mulher só deve sair de casa para a missa.

ACREDITA:

Tratava-se de tuberculose, de anemia, de excesso de fadiga, de envenenamento orgânico só tem um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO E CIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais estrangeiras

LABORATÓRIOS DR. VARNHAGEN VORNOSIMHO

Draco dos Restauradores, 18 LISBOA

Um civico enfurecido

agride sem motivo uma vizinha

Anteontem à noite o guarda cívico n.º 1385, da 5.ª esquadra, que mora na rua da Bica de Duarte Belo, 32, 1.º, dando-lhe qualquer yenta em casa, foi bater à porta da sua vizinha do andar superior, Rosalina Ferreira, e a pretexto de que ela escarrara para a rua, o que não podia ter acontecido porque estava cochilhando, agrediu-a violentamente com um sôco na cara, que a deixou bastante magoada, podendo ainda constatar-se, pelo estado em que ela ficou, a fúria do bicho.

Como a agredida tivesse a ingenuidade de se ir queixar a outros brutos, à esquadra das Mercês, ameaçaram-na de a prender, e ainda lhe deram um por algum tempo um filho.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchê». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Uma excursão liberal

Realiza-a amanhã o Grémio

Civil do Monte a Alenquer

Amanhã realiza o Grémio Excursionista Civil do Monte, a sua 27.ª excursão anual à vila de Alenquer, cuja população será distribuída um manifesto-convite.

A partida de Lisboa é no comboio que sai da estação do Rossio às 5,45 e que deve chegar à Vila do Carregado às 7,15, onde os excursionistas se utilizarão de trens, «chairs-a-bancs» e «camions». Posto em marcha o cortejo, à sua passagem no lugar do Carregado terá lugar um comício de saudação ao povo da localidade e em que usará da palavra os srs. José Fernandes Alves, Ladislau Batalha e José Gregório de Almeida, depois do que seguirá o cortejo para Alenquer. A sua chegada a esta vila pelas 10 horas os excursionistas cumprimentarão a Câmara Municipal, delegado do governo, centro republicano e imprensa depois do que se seguirá o almoço.

Pelo meio dia dar-se-á a recepção ao dr. sr. Agostinho Fortes e depois o comício no Teatro-Cinema em que usará da palavra o dr. sr. Agostinho Fortes e os srs. Ladislau Batalha, José Fernandes Alves, Nunes da Silva, José Gregório de Almeida, Francisco António da Silva, um delegado da Associação do Registo Civil e os elementos locais srs. Francisco de Magalhães, Vasco de Melo, Rosa Ramos e Alfredo Troni.

Seguir-se-á o «pic-nic» no agradável ponto denominado a Portela onde os excursionistas à sombra junto do riacho com suas azenhas se deliciarão da paisagem.

A's 20 horas serão os excursionistas transportados à Vila do Carregado onde tomarão pelas 21,50 horas o comboio de regresso a Lisboa.

Acompanha os excursionistas um grupo musical.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No S. Luís

Campeonato de lutoras

Público gritador, impaciente, barba por fazer, o que assistiu na sua maioria, à «première» das lutoras internacionais.



Sobre a orientação sindicalista dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e sua Federação

(tese a discutir no próximo Congresso Rural)

Camaradas congressistas:

Não temos a pretensão, ao elaborarmos esta tese, de querer tolher a liberdade de pensamento de quem quer que seja. Temos em mira única e simplesmente defender a organização dos rurais, evitando que ela siga caminhos errados, embora haja quem deseje o contrário do que fica dito.

O tempo tem demonstrado bem claramente quais as ideias que devem nortear a organização de resistência dos trabalhadores. Sabemos bem que as divergências de ideologia são a resultante do caminho que cada indivíduo quer seguir para o futuro, mas por si próprio.

Há indivíduos que dizem e confirmam que vêm para dentro das associações para defender os seus interesses.

Há outros que dizem vir para dentro das associações defender os interesses de todos, sacrificando mesmo os seus interesses pessoais em favor dos interesses gerais, incluindo, como não pode deixar de ser, os seus mas em igualdade de circunstâncias.

Qual destas duas maneiras de dizer e pensar será a mais verdadeira? Podem-nos ser as duas. Parece, entretanto, que aquela que exprime mais abnegação e espírito de sacrifício é a segunda. Ambas têm carácter sindicalista; mas a segunda exprime com firmeza o conceito revolucionário.

Quanto aos que dizem que vêm para dentro das associações para defender os seus interesses, estes podem dizer a verdade e serem ao mesmo tempo inimigos da organização. Basta só que tenham um outro interesse particular: levar o desmantelamento à mesma organização, para que prosperem os partidos de que fazem parte, como tem sucedido nestes últimos tempos com diferentes aderentes a um partido estatal e governamental, parlamentarista e ditador e os partidários da I. S. V., irmãos gémeos dos primeiros.

Ora, depois de tantos séculos de dominação das castas e classes exploradoras e tirânicas em que estas formaram seus partidos políticos com diferentes nomes, todos eles, mais ou menos, se apresentaram como defensores do povo.

Na realidade o que eles sempre defenderam foi os privilégios e privilégios, e procedendo assim procedem contra o poder trabalhador. Assim tem sucedido e sucederá enquanto os trabalhadores não mudarem de rumo, deixando de parte o caminho que têm trilhado durante muitos séculos.

É que o fim dos políticos é sempre apoderarem-se do poder do Estado, embora que pela força das armas, e submeterem o povo a aqueles que dispõem do poder económico que é a riqueza social.

Isto é também o resultado da acção reformista que não deixa de ser conservadora, com a sua pretendida colaboração de operários e patrões, com interesses contraditórios e opostos.

A experiência de muitos, dezenas de anos tem-nos demonstrado que onde a classe operária deve estar é na organização sindicalista revolucionária, porque é a que define bem claramente a separação que existe entre os explorados e os exploradores; é nos seus sindicatos ou associações de classe, orientados dentro dos princípios da luta de classes, exercendo hoje uma acção de conquistas e melhoramentos parciais, dentro ou fora da lei, e preparando desde já condições especiais para, quando da Revolução, estar apta a tomar a terra, os instrumentos de trabalho e a matéria prima.

E assim, de posse, como de direito, de todos os meios de produção e de consumo a classe operária, por meio da organização sindicalista, procederá à distribuição, sem necessidade dum poder político autoritário, democrático ou ditatorial, que, por outro lado, aniquila todo o desejo de bem estar e de liberdade a que todos têm incontestável direito.

Nós sabemos muito bem que todos os partidos políticos estatais, parlamentares ou ditatoriais, têm o mesmo fim que é o de tomarem conta do Poder para comerem e darem de comer aos seus partidários à tripa fóra, para se manterem e conservarem na posse do poder do Estado e tiranicamente manter privilégios e privilégios, à custa da miséria, da fome e da dor dos milhões de famílias proletárias que vegetam em lugares, tantas vezes lúgubres, sem luz e sem ar.

É uma cruel verdade esta, que a história regista e ainda se observa desde as monarquias mais conservadoras à República mais liberal e democrática.

Nos Estados de uma ou outra natureza o povo tem-se manifestado pela conquista de mais pão e liberdade, tendo sempre regado com o seu sangue as ruas no passado como no presente.

É o que tem sucedido? Veja-se o que se passou na Alemanha e na Rússia. São simples exemplos respeitantes a políticos "avanzados".

O povo alemão, orientado pelos valentes espartaquistas, lança-se numa luta rude, com fins revolucionários. E foi o partido socialista, que, estando de posse do poder, atogou essa revolução em sangue, em puro proveito do capitalismo e da burguesia.

O povo russo fez também a sua revolução, a mais grandiosa de todos os tempos. E o que sucedeu? Os socialistas, que depois passaram a chamar-se "comunistas", concentraram em meia dúzia todo o poder do Estado, criaram um formidável exército de "Comissários" e de burocratas, uma polícia (Tcheka) com poderes absolutos, um exército como o dos burgueses que crismaram de "vermelhos"; chamaram a si todo o poder sobre as fábricas, as oficinas os campos, sobre os operários, os camponeses e os soldados; de tudo começaram a dispor a seu bel prazer e a todos impuseram um regime de disciplina férrea, afogando em sangue todas as aspirações de liberdade de pensamento e de crítica, aniquilaramos operários das cidades todas as possibilidades de desenvolvimento económico e levando, à força de incendiarem aldeias e de fuzilarem milhares de camponeses, todo aquele grande e valeroso povo a mais

cega das obediências, acabando por impô-lhe uma política económica eminentemente burguesa de propriedade individual, de salariedade e de escravidão dos regimes burgueses. E tudo isto, que é apenas um reflexo da realidade, é feito em nome dos operários, dos camponeses, dos soldados e marinheiros e subordinado ao pomposo título: *Ditadura do proletariado!*

E porque tem havido muito quem proteste, muitos têm havido que foram fuzilados sem julgamento enquanto outros gemem ainda no desterro da Sibéria e nas lobregas masmorras do antigo Czar, embora muitos deles fossem e ainda sejam comunistas, mas daqueles que de alguma maneira manifestam a sua discordância com o que se passa.

Tão autocrática política não podia dar em resultado outros meios que não fossem os autocráticos e ditatoriais a impôr a organização operária de todo o mundo, como sucede com as Internacionais Comunista e I. S. V., o que está em contradição com todas as liberdades e com o sindicalismo revolucionário.

Este, porque respeita a autonomia dos indivíduos nos sindicatos, dos sindicatos nas Federações e destas na Confederação, que mantém o princípio de resolução e acção do simples para o composto, está em oposição a todas as facções políticas visto que no seu seio das "ordens", quasi indiscutíveis vêm de cima para baixo; do homem ou dos homens "superiores" para os homens simples e humildes cumprirem.

Ora aqueles que são assalariados e operários não podem nem devem deixar perder as poucas regalias e liberdade que existem e que foram conquistadas à custa de grandes sacrifícios do povo escravizado, habituado pela própria experiência a contar com o seu esforço próprio.

Os políticos, embora sejam criaturas do povo, são entretanto partidários de facções que dominam ou pretendem dominar e há-de estar sempre sujeitos a aqueles que dispõem da riqueza e dos privilégios, e como tais não podem ser senão inimigos dos que produzem, tanto faz que sejam conservadores como se apresentem como avançados.

Os que se apresentam como mais avançados são os comunistas e no entanto são partidários da ditadura mais absoluta. Como tais são hoje os mais acérrimos inimigos da organização económica dos trabalhadores e provado está que os organismos em que os mesmos têm influído se encontram desmoronados, mercê dos processos de que se servem para conquistar e deter sob a sua influência esses organismos e dos que usam para combater os militantes que defendem a independência e autonomia da organização sindical.

São os mesmos processos dos jesuítas como se tem demonstrado já, descobrindo-se-lhes as mentiras e as calúnias de que se tem servido para levar a água ao seu moinho. Uma das suas mentiras é a de que os militantes sindicalistas combatem a I. S. V., porque combatem a revolução e o povo russo, e que o fazem porque combatem a revolução.

Ora a organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sobre o povo descarreguem, depois do todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindical e os seus militantes concordam com a revolução russa e com o povo russo que a fez, mas com o que não concordam é com a ditadura feroz e sanguinária do governo russo; com o que não concordam é com o envio de dinheiro pela Rússia, farracão ao povo russo tiranizado, para sustentar jornais nos outros países que defendam a política tirânica do mesmo governo e das Internacionais, vermelha e comunista, que servem o mesmo governo, jornais que, além do já exposto, guerreiam as organizações sindicais; não concordam com a I. S. V., porque só é sindical no nome, não é mais que um isco que o governo russo, de acordo com o partido que o sustenta no poder, suspendeu dum anzol para pescar toda a organização operária mundial, a fim desta lhe apoiar todas as medidas tirânicas que pesam sobre o desgraçado povo russo.

Falam os comunistas numa *frente única*. Nunca qualquer partido político pode formar a frente única, porque depois eram mais as cabeças que os penachos e mais as trombas que as gamelas, desavinhavam-se uns com os outros e assim se dissolveria a frente única.

Só quem pode manter a *frente única* é a organização sindical, que é independente de todo o espírito de autoridade e de rivalidades destruidoras.

Considerando que está mais que provado que as classes trabalhadoras não têm coisa alguma a esperar de outros meios que não sejam resultantes do seu esforço próprio; que a organização operária jamais poderá ter confiança em pessoas filiadas ou influentes em quaisquer facções políticas, quando estas se imiscuem na vida sindical; que só dentro da orientação do Sindicalismo Revolucionário a classe trabalhadora poderá agir no momento por forma a poder libertar-se no futuro da tutela do capitalismo explorador;

As associações de classe dos trabalhadores rurais da região portuguesa, reunidas em congresso, em Santarém resolveram:

1.º, Só confiarem no seu esforço próprio e no dos seus militantes que sejam independentes de todas as facções políticas.

2.º, Não admitir em quaisquer cargos ou corpos gerentes dos seus organismos de classe qualquer indivíduo filiado ou influente em qualquer facção política ou religiosa.

3.º, Manter como base libertadora a orientação do Sindicalismo Revolucionário autónomo.

4.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

5.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

6.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

7.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

8.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

9.º, Manter-se aderentes à sua Federação de Indústria, à Confederação Geral do Trabalho e à Associação Internacional dos Trabalhadores, enquanto estas se mantiverem dentro da orientação constante do número anterior.

Funcionalismo Público

O silêncio que hoje mantêm não condiz com a agitação de ontem. É necessário que continuem a reclamar a sua equiparação.

Elevado número de funcionários se tem mostrado verdadeiramente surpreendido com o facto de, a-pesar de continuarem a existir e cada vez mais agravadas as causas originárias da agitação que há pouco se notava, essa agitação como por encanto ter desaparecido; esquecendo-se esses funcionários, porém, e muito principalmente aqueles que se nos dirigem, que nem em todas as classes dependentes do patrão Estado, isso se nota, pois que, enquanto os chamados mangas de alpaca, as eternas vítimas da casmurice de uns e das burrices de outros assim procedem, os ferroviários do Sul e Sueste procedem de maneira diferente e visível.

O facto de há pouco o funcionalismo se ter agitado por forma notável e muito para admirar, na justa intenção de conseguir que lhe fosse conseguido o direito de ser equiparado ao pessoal do Congresso da República e aos Correios e Telégrafos, outrora seu equiparado, e de presentemente se encontrar tão silencioso é na verdade bem digno dos mais justos e variados reparos, pois que de forma alguma se pode compreender que ele sem nada ter conseguido ou alcançado assim se dê por vencido ou satisfeito.

De antemão reconheço parte das dificuldades que assestam aqueles que olhando a flagrante desigualdade de tratamento que um outro Baltazar adoptou, desejam levar o funcionalismo até à realização da justiça, mas também não posso deixar de reconhecer ser esta uma das melhores oportunidades para alcançar o que se pretende, e para isso, basta recordar as eleições de deputados, câmaras municipais e juntas de paróquia.

O funcionalismo, que devido na maioria dos casos à maneira como deu entrada nas repartições do Estado, é ainda das poucas entidades para quem os políticos nesta crítica situação se lembram de apelar, e então, nada mais natural, já que pela sua união e espírito combativo se não pode impor, que ao menos se prepare para a esses políticos responder com aquele interesse e carinho, com que eles têm respondido às suas justas reclamações e sensatos pedidos.

Rumoreja-se por aí uma lista de funcionários que pretendem disputar alguns "fauteuils" de São Bento. Não sei nem tal me interessa qual o fim que nortear tal lista, uma vez que, demasiado demonstrado está a inutilidade dos parlamentos, constituídos na sua maioria, apenas para satisfação das clientelas, antecipadamente associadas à distribuição das benesses que se poderem obter, e ainda, de que, não é à falta de funcionários públicos com assento ali, que o funcionalismo deixa de ver satisfeitas as suas reclamações, no entanto se elas visam apenas a enfraquecer os partidos que até agora descompondo-se mutuamente e descredenciando com os seus torpes processos o regime que dedicadamente implantamos e temos defendido, apenas nos têm esquecido, estamos completamente de acordo; de contrário não pois para mal basta o que os outros têm feito.

De mais acerto seria que em vez de pelo papalinho enfraquecermos os partidos que tão triste nota têm dado ao país, antes nos preparássemos para no momento preciso lhe dispensarmos os seus serviços nas repartições públicas, e para tanto bastaria tomar como exemplo a acção desenvolvida por uma razoável parte do graduado funcionalismo militar a quem até, também conviria fazer saber que se as repartições públicas não são centros políticos onde os caciques se adresem e alcandorem, também não são casernas onde os generais se imponham e mandem.

Falta na verdade ao funcionalismo civil aquele espírito combativo e de união que tanto caracteriza outras classes e talvez aí reside a principal causa do mal estar que o aflige, no entanto, ele como todos sabe que nos calamitosos tempos que atravessamos, todo o funcionalismo deve ter iguais direitos; qualquer que seja a sua graduação, não pode prescindir de um vencimento que o ponha a coberto da miséria e então como todos, saberá que para grandes males grandes remédios, a não ser que pretenda que aqueles que agora reparam no seu silêncio, o creiam com menos razão hoje do que tinham ontem, quando afinal só o contrário se dá, pois de então para cá já outra classe viu aumentados os seus proventos.

E então responda quem pode.

PAULO EMILIO

Renovação
Revista gráfica
A 12 1/2 de cada mês
Preço esc. 1,50

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 1500
Pelo correio 1650.
Pedidos à administração de «A Batalha»

PELO SUL E SUESTE

Disparidades que têm de desaparecer

De há muito que existe uma grande disparidade entre os ferroviários do Estado e que devia terminar porque são todos empregados do Estado e não devia existir esta desigualdade que se verifica a cada momento nas poucas regalias que o mesmo pessoal ferroviário aufer.

Como é do conhecimento de todo o pessoal, existe esta designação de pessoal *jornaleiro* e *pessoal administrativo* que é recrutado por vezes do mesmo pessoal *jornaleiro*, isto é: hoje é denominado *jornaleiro*, amanhã, por motivo do falecimento de qualquer categorizado o indivíduo imediato que é *jornaleiro* passa a ocupar o lugar do administrativo e por isso imediatamente passa a ter uma regalia extraordinária sobre o seu colega de ontem, motivado pela forma como são encaradas estas questões. Se formos analisar os indivíduos que usufruem esses lugares, constatamos que são muito bons rapazes, mas o que a verdade nos revela constantemente é esta disparidade de indivíduos empregados e pagos pelo mesmo patrão, terem regalias diferentes. E, assim, nós verificamos que aos *jornaleiros* são constantemente marcados todos os dias de doença, até perfazer a tal conta em que o empregado por muito bom que seja tem que recorrer à assistência para não morrer de fome e a respectiva família se a tem. Além disso há os dias de licença com vencimento a gozar durante o ano que são descontados consoante o pedido feito durante o mesmo ano.

Com o pessoal administrativo e categorizado não acontece o mesmo, porque pode pedir determinado tempo de licença para ir ao médico e nessas condições está livre de ter dias de doença e passa por ser um bom empregado que nunca está doente, isto é: está sempre ao serviço e nunca na contingência de lhe serem contados os tais 90 dias e ter sempre o seu ordenado inteiro.

Com as licenças para sair verifica-se o mesmo e daí nunca ter descontos nos seus dias de licença com vencimento e podê-lo gozar como já tem acontecido depois de terminado o respectivo ano.

Ora tudo isto são questões que se podem e deviam remediar.

Não quero por forma alguma que sejam cerceados dessa regalia os administrativos. Desejo apenas que as entidades que superintendem nestes assuntos verificassem que existe uma grande disparidade entre um e outro pessoal e que se lhes pedisse por vezes facilitar umas pequenas licenças sem que fossem logo diminuídos nos dias que todos têm a gozar, e assim se procedia mais em harmonia para com empregado que executam trabalho e recebem o produto do mesmo, dispensado para com o mesmo patrão, se verificar por isto que é desolador e nos atira por vezes a situações de irritação que podiam ser obviadas principalmente pelos dirigentes dos Caminhos de Ferro do Estado que dizem muitas vezes em reuniões, que são amigos dos seus cooperadores.

E se o são é agora uma das ocasiões em que a classe tem as suas reclamações em curso o não lhe fazer *contra-vapor* para que a situação económica e moral dos ferroviários do Estado seja de facto beneficiada.

Vamos pois: um pouco de boa vontade e sejamos o que por vezes se tem dito, que é sermos *amigos* e nada de relações, cada um no seu lugar, e temos com certeza alcançado o que necessitamos.

Um ferroviário

SOLIDARIEDADE

A favor das famílias dos presos

Em virtude de não haver tempo para a passagem dos bilhetes para a festa a favor das famílias dos presos por questões sociais, que se devia realizar hoje fica a mesma transferida para quando se anunciar.

Convidam-se ainda os Sindicatos a quem foram enviados bilhetes a satisfazerem as contas dos referidos bilhetes na sede do Grupo Dramático "Solidariedade Operária".

Pré-José da Silva Costa

Como já temos tornado público em *A Batalha*, encontra-se gravemente enfermo o nosso camarada José da Silva Costa, activo militante da Juventude Sindicalista e da organização sindical.

Em virtude da gravidade do seu estado que, segundo a afirmação dum entidade médica, exigia a sua imediata saída de Lisboa viu-se esta comissão, forçada a contrair um empréstimo que lhe permitisse atender a essa imprescindível necessidade e às despesas futuras respeitantes à sua estadia na província.

Agora, não só para atendermos ao pagamento desse empréstimo, como ainda para atendermos às despesas que estão tendo lugar com o tratamento daquele camarada e porque o produto que se obtém com listas de subscrição voluntária não nos permite dispensar este meio, vimos-nos obrigados a promover a realização dum festa cujo produto venha ao encontro das necessidades a que esta comissão tem de atender.

A festa terá lugar imprevisivelmente em 30 do corrente mês, encontrando-se os bilhetes à venda desde já na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.º, todas as noites das 20 às 23 horas. Estamos certos que todos os camaradas adquirirão bilhetes, auxiliando assim um camarada, desde que se lembrem que a sua vida depende da solidariedade que lhe for dispensada.

Realizou-se em 2 do corrente no Club Instrução e Recreio da Charneca uma recita em auxílio das famílias de Alexandre José dos Santos e Abel Venâncio da Silva.

Sendo a receita líquida de \$16990, foi entregue a cada uma 403\$45.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Os delegados ao Conselho Confederal deverão reunir na próxima segunda feira, a fim de se ocuparem de assuntos da máxima importância.

C. S. T. L.

Conselho Geral

Reuniu ontem este organismo com a presença dos seguintes sindicatos: Empregados Menores do Comércio e Indústria, Manufactores de Calçado, Chapelleiros, Confeiteiros e Chocolateiros, Litógrafos, Empregados de Escritório, Encadernadores, Op. Municipais, Alfaiates, Construção Civil, Metalúrgicos e Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.

Foi apreciado o caso de alguns sindicatos marítimos que se mantêm fiéis à organização operária não serem aderentes à Câmara Sindical, sendo resolvido convidá-los a ingressar neste organismo.

Tratou-se da situação da comissão pró-libertação dos presos e deportados, sendo a mesma recomposta.

Apreciou-se o pedido de demissão dos delegados dos empregados de escritório, dos cargos que ocupavam, assim como de delegados, devido à resolução tomada pelo seu sindicato em suspender a cotização para a C. G. T., resolvendo-se aceitar essa demissão em face das explicações dadas.

Deliberou-se convocar uma nova reunião para preencher os cargos vagos.

Comissão pró-libertação dos presos e deportados

Reúne amanhã pelas 14 horas.

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico.—*Secção de Belém.*

Reuniu em 19 p. p. a assembleia geral sendo resolvido o seguinte: Nomear para o Conselho Técnico como delegados da Secção os camaradas António dos Santos e António Lucas. Tendo constatado que devido a dois camaradas da comissão administrativa, um deles por motivo de vida particular e outro por falta de assiduidade, não compareceram às reuniões da mesma o que a inibe de tratar de assuntos de interesse para a classe resolveu substituí-los por Maurício Guerreiro e Alberto Rodrigues e para o cargo vago o camarada António José de Oliveira. Foi apresentado o relatório semestral de contas tendo o a assembleia tomado em consideração. Tomou conhecimento que na Sociedade de Construções Metalúrgicas passam-se várias anónimas especialmente na oficina de fundição onde são os aprendizes obrigados a trabalhar de empreitada e a fazer horas suplementares e assim como nessa oficina se explora dum forma infame as mulheres, tendo este assunto baixado à comissão administrativa.

Foi aprovada uma moção protestando contra as deportações de operários sem julgamento e exigindo do governo o seu imediato regresso.

Foi também aprovada um aditamento protestando contra todas as perseguições que actualmente se estão exercendo e contra as agressões feitas pela polícia aos presos.

S. U. do Mobilário.—Reuniu ontem a assembleia geral que apreciou e aprovou um parecer dos corpos gerentes baseado na crise de organização que a classe atravessa e que preconiza os seguintes pontos julgados indispensáveis para o levantamento do Sindicato: 1.º A frangimento dos atra-

tos de cobrança a partir de hoje, salvo para os sindicatos que os queiram pagar; 2.º Distribuição de uma circular-proposta por todas as oficinas e a todos os operários da indústria, fazendo-lhe a propaganda da sindicalização e convidando-os a preencherem-na; 3.º Chamamento a uma reunião de todos os elementos mais afectos ao Sindicato, a fim de se constituir em comissões volantes de relações inter-oficinas das respectivas áreas e velarem pela defesa das regalias conquistadas; 4.º Que, logo que se torne possível, se dê início a uma série de sessões ou palestras educativas de carácter educativo-social e de permuta de conhecimentos técnicos; 5.º A adopção de um cobrador geral aos domicílios enquanto não for possível instituir os delegados-cobreadores por oficina.

Apreciou-se também a representação ao Congresso Confederal, sendo resolvido aguardar o termo da publicação das teses para que os delegados as estudem e apresentem sem parecer à próxima assembleia. Foram nomeados delegados ao Congresso os camaradas Manuel Nunes, José Martins Grilo e José S. Santos Arranha.

O secretário comunicou a saída do camarada Manuel Peres para França e a sua substituição no lugar de continue da sede pelo camarada Alvaro Vasques.

Por fim, foi aprovada uma moção de J. Martins Grilo para que se estude a crise de trabalho, e aceite a indicação de Luís Costa pelo secretário para preencher a vaga deixada por Manuel Peres na C. S. T.

S. U. C. C.—*Secção dos Pintores.*—Reuniu em assembleia geral nomeando fiscais ao horário de trabalho e a comissão revisora de contas, tratando da forma de angariar auxílios para os presos por questões sociais.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Marinheiros e moços.—A's 18 horas os corpos gerentes.

Federação Ferroviária.—A comissão executiva às 21 horas.

Manipuladores de pão.—A's 13 horas os sócios que possam fazer a distribuição de manifestos.

Pessoal de Rebocadores e Gazolinas.—A assembleia geral às 19 horas.

Federação do Livro e do Jornal.—Os delegados das direcções pelas 20 horas, a fim de receberem "O Gráfico".

Manufactores de Calçado.—Pelas 21 horas a assembleia geral para apreciação das teses que vão ser presentes ao Congresso Confederal.

DIAS PRÓXIMOS

Manipuladores de pão.—Reúnem em assembleia magna amanhã pelas 18 horas.

Federação Corticeira.—Reúne amanhã, pelas 12 horas, o conselho federal.

S. U. C. Civil.—*Secção dos Carpinteiros.*—Reúnem em assembleia geral na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, para apreciar o parecer da comissão revisora de contas e outros assuntos.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—*Secção dos Manipuladores de Pão.*—No dia 18 do corrente, efectua-se uma reunião dos jovens sindicalistas da indústria dos manipuladores de pão, a fim de estudarem a melhor forma de se desenvolver no seio da classe a maior propaganda sindicalista revolucionária possível.

Depois de vária discussão acerca daquela necessidade impreterível, foi resolvido criar na indústria citada a sua secção da juventude sindicalista, nomeando-se a comissão executiva.

Toda a correspondência deve ser enviada para a rua de Entreparedes, 33, 1.º—Porto.

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bonché—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e educadores devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. A venda nas librerias.—Pedidos à libreria Renascença, de J. Cardoso, r. Poiais de S. Bento, 27-29—Lisboa

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato U. de Guinardes.—Enviamos ofício; respondam com urgência.

Estudos cirúrgicos

O professor da faculdade de medicina de Lisboa, dr. sr. Augusto Monjardim foi encarregado de em comissão gratuita estudar os progressos de cirurgia em França e Bélgica.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Trabalhadores de Teatro

Amanhã, pelas 15 horas, realiza-se uma sessão solene na sede da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, para comemorar o 8.º aniversário da sua fundação.

Foram convidadas para assistir a esta solenidade várias entidades oficiais, devendo usar da palavra algumas individualidades das mais em destaque no nosso meio artístico e intelectual.

A favor dum escola

É hoje que se realiza no Centro Magalhães Lima, Largo do Salvador, a recita em benefício da Escola Sindical do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso, promovida pelos seus amigos e Comissão de Propaganda.

A's 21 horas dará início à festa com uma palestra o camarada Manuel da Silva Campos, que versará sobre a instrução.

Representar-se há a peça em 3 actos "Scenas de miséria", representada pelo Grupo Dramático de Campo de Ourique, que obsequiosamente presta o seu concurso.

Será feita a distribuição de prémios aos dois alunos mais classificados nos seus exames.

Abrelianta a festa, por especial deferência, a Tuna Recreativa Tondelense.

Reuniu em 19 p. p. a assembleia geral sendo resolvido o seguinte: Nomear para o Conselho Técnico como delegados da Secção os camaradas António dos Santos e António Lucas. Tendo constatado que devido a dois camaradas da comissão administrativa, um deles por motivo de vida particular e outro por falta de assiduidade, não compareceram às reuniões da mesma o que a inibe de tratar de assuntos de interesse para a classe resolveu substituí-los por Maurício Guerreiro e Alberto Rodrigues e para o cargo vago o camarada António José de Oliveira. Foi apresentado o relatório semestral de contas tendo o a assembleia tomado em consideração. Tomou conhecimento que na Sociedade de Construções Metalúrgicas passam-se várias anónimas especialmente na oficina de fundição onde são os aprendizes obrigados a trabalhar de empreitada e a fazer horas suplementares e assim como nessa oficina se explora dum forma infame as mulheres, tendo este assunto baixado à comissão administrativa.

Foi aprovada uma moção protestando contra as deportações de operários sem julgamento e exigindo do governo o seu imediato regresso.

Foi também aprovada um aditamento protestando contra todas as perseguições que actualmente se estão exercendo e contra as agressões feitas pela polícia aos presos.

S. U. do Mobilário.—Reuniu ontem a assembleia geral que apreciou e aprovou um parecer dos corpos gerentes baseado na crise de organização que a classe atravessa e que preconiza os seguintes pontos julgados indispensáveis para o levantamento do Sindicato: 1.º A frangimento dos atra-

tos de cobrança a partir de hoje, salvo para os sindicatos que os queiram pagar; 2.º Distribuição de uma